



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

O currículo como discurso cultural e sua relação no processo de identificação dos sujeitos.

Sabrina Eugênio Martins - UERJ
Yasmin de Barros Oliveira - UERJ

Este trabalho é fruto das nossas vivências nos projetos de iniciação à docência e científica, que possuem como objetivos refletir sobre o currículo como discurso cultural, dialogar e refletir acerca dos processos de identificação dos sujeitos. Tal indagação surgiu a partir de situações vivenciadas no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - Cap-UERJ, em turmas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. O currículo como discurso cultural é uma ferramenta potente para a manifestação curricular, tendo em vista que ao darmos espaço para o aluno se colocar, desenvolvemos a escuta atenciosa e conduzimos para uma educação humanizada e consciente dos direitos e deveres como sujeitos em construção de seu processo de identificação.

Palavras Chaves: Currículo, Identificação, Cultura, Significação

Introdução

O presente trabalho é fruto das nossas vivências e observações como bolsistas em projetos de iniciação à docência¹ e científica², nas turmas de 1º e 2º ano do E.F no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP/UERJ. Ambos os projetos, sob a coordenação da mesma professora³ possuem como um de seus objetivos a reflexão sobre o currículo como discurso cultural. A partir das experiências que os projetos nos proporcionam e das discussões teóricas que desenvolvemos no grupo, entendemos a produção curricular atravessada pelos conhecimentos de mundo que perpassam as relações humanas e interferem nos processos de identificação do sujeito.

Em momentos distintos dos projetos, fomos surpreendidas por falas potentes dos estudantes (das crianças) que mexeram conosco e resolvemos

¹ “Eu não sei falar, como vou escrever”? Uma reflexão sobre as relações entre alfabetização, tempo e currículo;

² As crianças como curriculistas: um diálogo entre políticas e práticas curriculares e seus sentidos para infância

³ Bonnie Axer



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

trazer para o diálogo nesse trabalho, principalmente por terem causado mudanças em nossas vidas. Trata-se de dois diálogos curriculares que marcaram nossas experiências como bolsistas no CAP/UERJ, uma vez que nos levam a prestar mais atenção nas contribuições que se pode ter durante uma relação professor-estudante e até da própria produção curricular.

A partir dos relatos escolhidos, buscamos dialogar e refletir acerca dos processos de identificação e como estes influenciam no currículo como discurso cultural.

2. Diálogos curriculares e reflexões culturais possíveis.

O primeiro diálogo que destacamos para desenvolver nossas reflexões acerca da contribuição dos processos de identificação na produção de currículo, aconteceu numa turma de 2º ano. Como de costume, entrei na sala de aula e cumprimentei a turma com 'Bom Dia'. A aula estava ocorrendo bem, todos estavam acompanhando de forma tranquila e organizada. Em um determinado momento uma aluna veio em minha direção e começou a conversar comigo. Segue abaixo um trecho desta conversa.

Estudante: Professora queria ter o cabelo que nem o seu!

Eu: Como assim o cabelo que nem o meu?

Estudante: Liso e bonito.

Sai do CAP-UERJ naquele dia reflexiva, fui para casa pensando como nós professores afetamos a vida desses estudantes, seja através de um gesto, uma fala ou até mesmo pela forma que nos portamos. A estudante nem imagina como aquela frase afetou a minha vida.

Depois daquele dia fiquei reflexiva, pensando em como eu mesma não me aceitava. Como eu iria dizer para aquela estudante que o cabelo dela também era lindo no seu formato natural, se o meu próprio era alisado, desde os meus 12 anos?! A partir de então comecei a entender o sentido de representatividade e a importância para uma criança poder se enxergar no outro e se identificar. Assim decidi passar pela transição capilar (quando a pessoa deixa de fazer alisamento ou relaxamento e deixa o cabelo crescer natural). Foi um processo longo, nada simples que me trouxe inúmeros desafios, inclusive o de me reconhecer e me identificar de outra forma. A identificação é um processo aberto e não fixo, não se esgota, estamos sujeitos a nos reconhecer em vários papéis sociais, entre várias identificações.

Por isso, atualmente tenho um olhar mais atento para essas questões dentro da sala de aula, busco sempre enaltecer as individualidades dos estudantes para que eles possam perceber o quão bonito são suas características individuais, seus cabelos e suas especificidades.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Buscamos compreender as especificidades dos estudantes com a sensibilidade e a disponibilidade de ouvir e entender suas experiências culturais que atravessam o currículo em sala de aula.

O próximo diálogo que vamos trazer aconteceu durante a oficina de matemática do 1º ano do EF, momento em que as crianças se familiarizavam com a disciplina através de jogos. Elas foram separadas em grupos e o objetivo era utilizar as cartas de baralho para auxiliar na soma dos resultados conseguidos, a partir de uma instrução dada pela professora. Percebi que em um determinado grupo, uma estudante não pegava as cartas de cor preta, e a questioneei sobre isso.

Eu: Por que você não pega a carta preta?

Estudante: Porque preto não presta.

Eu: Por que você fala isso?

Estudante: O meu tio me disse que preto não prestava

Eu: Eu gosto muito da cor preta. Meu cabelo é preto. Meu tênis é preto, minha calça.

Estudante: Você é de que cor tia?

Eu: Sou negra, da cor parda.

Estudante: Eu não sou.

Amiga da estudante que dividia a mesa: Você é sim. Sua mãe é e você é.

Diante desta questão, achei mais importante valorizar somente a cor preta e deixar ela pensar, então na rodada seguinte ela pegou a carta preta, quebrou esse pensamento. Dando continuidade a observação quanto a sua maneira de agir, a aluna voltou a repetir a mesma situação. Ao contar esta cena para a orientadora do projeto, ela lembrou que em outra ocasião, outra estudante também apresentou uma fala de não identificação como negra e sim branca, o que foi percebido através de uma atividade de produção de autorretratos.

Ao trazer este breve diálogo, recortado de um momento de sala de aula, queremos chamar atenção para a produção curricular e a importância dos processos de identificação dos estudantes e como a cultura influencia em todos os meios. O preconceito, a discriminação são pautas que atravessam o currículo e transbordam o ambiente escolar. Não se trata apenas de uma questão escolar, social ou familiar. Trata-se de uma questão da vida, das experiências dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, logo uma questão do currículo. Infelizmente são discursos reproduzidos por adultos e crianças e que afetam a vida cotidiana de todos. Acreditamos ser nossa responsabilidade, enquanto educadores, conhecer, vivenciar e proporcionar experiências na escola que possibilite a inclusão da História e Cultura Afro Brasileira (Lei nº 10.639). É necessário orientar esses educandos para que



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

possam se reconhecer no meio social e entender a história dos descendentes que originaram a miscigenação brasileira.

Desta forma, assim como Paulo Freire (2018), não aceitamos que tal problemática seja ignorada pelos professores, pais ou sociedade, e acreditamos que podemos contribuir para o outro se reconhecer, principalmente a partir de um currículo diversificado e heterogêneo que abarque a alteridade, e nesse sentido, podemos ser autênticas no que nos propomos a ensinar.

Currículo como discurso cultural e sua contribuição para os processos de identificação dos sujeitos.

Ao trazer os diálogos curriculares anteriores, percebemos que, ao afetar o outro nos afetamos também num processo contínuo de movimento e identificação, onde não cabem identidades pré-determinadas. Diante disso, nos deparamos com o currículo escolar. Currículo este que também precisa ser entendido como processo, negociação, onde as posições não estão dadas, mas que se fazem a cada nova experiência vivenciada pelos sujeitos autores desse processo (Axer, 2019).

Pensamos no currículo como um discurso cultural, não se tratando apenas sobre atividades em sala, fala ou documento escrito, mas também uma prática que necessita ser encarado como um espaço de produção. Quando falamos de discurso cultural, estamos falando sobre uma construção de sentidos contínua

[...] que não se completa, é contingente e não se fecha definitivamente, pois no momento de construção do currículo existe fixação de sentidos, momentânea e, a cada nova identificação, contexto histórico e social, a cada nova realidade pode ser, e é modificada. (AXER, 2019, p.52)

Este entendimento de currículo traz a possibilidade de estranhamento, experimentação e reflexão sobre as especificidades dos sujeitos. Estamos abordando o currículo em contínuo movimento, mas produzido coletivamente como forma múltipla de significar. Ao trazermos a perspectiva da múltipla significação via currículo, que impossibilita a sua fixação, destacamos que também não se torna possível endereçamentos únicos para o currículo ou identidades fixadas que o recebam. Nos apoiamos no entendimento de processos de identificação, de acordo com Hall (2006), que refere-se ao processo contingente de identidades e constante análise sobre si mesmo. Assim como o autor, não apostamos na essência, mas sim na possibilidade de nos reconhecermos em vários papéis sociais, como uma inter-relação, que



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

nos gera conflitos, ao mesmo tempo, que percebermos que podemos chegar a várias identificações.

A partir dos diálogos curriculares apresentados anteriormente, acreditamos, assim como Hall (2006) que a cultura é a prática de significação. Com esta perspectiva, não há fixação de sentidos de uma cultura original, o que acontece são produções de sentidos inesperados que estão sempre se resignificando. Assim, ao invés de pensarmos identidade como algo acabado, nos aproximamos da ideia de processo de identificação, um processo em movimento. Segundo Hall (2006) a identificação não surge da identidade que já está dentro de nós como sujeitos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros. Por isso a importância de dialogar sobre as diferentes formas de culturas presentes dentro da sala de aula. Esta é uma potente ferramenta para produção e manifestação curricular, tendo em vista que ao darmos espaço para o aluno se colocar, e ao desenvolvermos a escuta atenciosa, teremos como orientá-lo para uma educação humanizada e consciente dos direitos e o estudante tem a possibilidade de se perceber como autor da sua aprendizagem, dos seus processos. Ele se faz responsável e produtor deste currículo que o atravessa, que o faz ora se identificar e desejar ter um cabelo idealizado e ora o faz se perceber de outra forma, a rever sua posição sobre a cor preta.

Considerações finais

Entendemos que o ser humano sempre busca uma forma de se identificar com alguém ou algo, e quando estamos na infância, isto é mais latente. Primeiro nossos pais são as referências, depois pessoas do nosso convívio que nos chamam à atenção e despertam algo diferente, ou admiração. Sobre essa temática, buscamos trazer vivências que nos mostraram o quanto influenciemos os estudantes, mesmo sem termos a intenção.

O discurso cultural fazendo parte do currículo é uma construção de experimentação e subjetividade, na qual o sujeito tem inúmeras possibilidades para atender às suas necessidades humanas e criar sentidos com o outro e/ou o mundo, e o que o possibilita construir, coletivamente, um currículo como forma múltipla de significar.

Contudo a importância de trazer essas reflexões culturais para dentro da sala de aula, torna-se uma potente ferramenta curricular, na qual os estudante podem se expressar, compartilhar suas diversidades e construir um currículo coletivo que desperte o ato de refletir sobre a sua identificação junto ao meio que vive.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

Referências.

AXER, Bonnie; GIGANTE, Camila. **CRIANÇAS COMO CURRICULISTAS: O CURRÍCULO NEGOCIADO COM OS ESTUDANTES E A POTÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE.** In: SILVA, Perseu; BORGES, Luís Paulo Cruz; FREITAS, Maíra de Oliveira (orgs). *Infâncias & Juventudes: Insurgências necessárias no tempo presente.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

PAULO, Freire. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 56º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.